

AMADEU AMARAL

DISCURSO

QUE PRONUNCIOU AO SER RECEBIDO
NA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS



S. PAULO

1919

DISCURSO

Cadeira de Gonçalves Dias, vaga por morte do seu fundador OLÁVO BILAC.

Eleição em 7 de Agosto de 1919.

Recepção em 14 de Novembro do mesmo ano, em sessão solene presídida pelo sr. CONDE CARLOS DE LAET.

Paraninfo, o sr. CARLOS MAGALHÃES DE AZEREDO.

Senhores,

Entre os sonhos da minha ambição não costumava aparecer a Academia. Entretanto, uma vez ou outra, de longe em longe, é possível que tenha surgido. A vaidade não tem boa memória. O que, porém, vos posso garantir, é que tais sonhos nunca se permitiram a audácia de voejar em tórno de uma cadeira como esta, em que me vejo. A cadeira de Bilac!

Quando o grande poeta morreu, chegou-se a falar na conveniência de se lhe não dar por successor um poeta, porque poeta nenhum — e o Brasil os tem tantos e tão belos, por mais que digam o contrário os implacá-

veis inimigos dêsses malsinados artistas, — poeta nenhum parecia ainda digno de sentar-se na cadeira de Bilac. Mas a lógica tem exigências. Se um poeta incompleto não merecia sentar-se nessa poltrona, como então o mereceria alguém que não fosse poeta de tódo? Esta consideração animou-me a solicitar a cadeira. Esta consideração, e mais uma: que o pretendente, se não podia ter o arrôjo de querer *substituir* a Bilac, podia, contudo, modestamente, aspirar a *sucedêr-lhe*. Assim, o que eu solicitei não foi senão a vaga do acadêmico. Quanto ao poeta, não quero nem invejo outra glória, senão a de cultuar-lhe a sagrada e formosa lembrança. Para isso me falta muito, mas sobra-me o principal: a minha grande, sincera e comovida admiração.

Essa admiração não é puramente intelectual, como tantas dessas outras, superficiais e frias, que passam nas almas como ligeiras rajadas. Eu habituei-me a admirá-lo profundamente — com o espírito, com o

coração, com todo o meu ser. Tivemos relações apenas durante os últimos anos de sua vida; mas quase posso dizer que a minha amizade por êle nasceu pouco depois de mim, e em circunstâncias que associaram, de alguma forma, à vida e o destino do grande poeta à minha obscura vida e ao meu estreito destino.

Figuras há que cedo se nos atravessam no caminho, e nos acompanham por largo tempo, tenazmente, maciças e opacas, fazendo sentir a cada momento a sua presença. Afinal, aos poucos, se atrasam. Seguem-nos de longe. Um dia, olhamos, e elas se perdem além, na distância, sob a poeira ou sob a bruma, confundidas com outras figuras e outros acidentes da paisagem, e nunca mais as enxergamos. Não deixam, nem levam saudades. Não nos compreenderam, nem foram compreendidas.

Figuras há, porém, que nos assaltam de brusco, suavemente, como sombras, e, ganhando corpo a pouco e pouco, acabam por

se assenhorear de nós, e caminham conosco, e conosco vivem, e passam a ser mais do que um amigo, um parente, ou um companheiro, porque entram com alguma coisa para a substância do nosso ser, e a sua vida é em parte a nossa vida, e o seu espírito é também o nosso espírito. Essas, quando se vão, nos deixam uma sensação dilacerante de arrancamento e de ruína. Temos a impressão de que se nos arrebatam pedaços de nós mesmos. E, assim, não se vão de todo. Sempre fica alguma coisa que se não extirpa, como de uma árvore levada pelas garras frenéticas e remoinhantes do vento permanecem no solo revólto restos despedaçados de raízes.

Bilac surgiu-me, primeiro, como uma sombra leve e incerta — como uma sombra longa, predecessora de um passante que se aproxima, que não raro retrocede e nunca chegamos a vê-lo. Surgiu-me através de vagas e ingênuas impressões de meninice. Vivía eu no meu remoto e sossegado Capivari.

no interior de São Paulo. Lá, o tumulto do mundo arrojava até mim, — últimas e trémulas rugas de onda que morrem aos pés de uma criança na praia, — algumas folhas do Rio e de S. Paulo, nas quais eu me contentava de procurar as gravuras, os anúncios mais vistosos e, ao acaso, um relanço de crónica, uma estância de poesia, um trecho de comentário, de reportagem ou de *mo-fina*. Entre êsses jornais, vinha *A Semana*, a célebre folha literária de Valentim Magalhães, então na sua primeira fase. Um dia, *A Semana*, que iniciava a publicação escandalosa de uma “Galeria do Elogio Mútuo” estampou sob essa rubrica um cantante e esvoaçante artigo de Alberto de Oliveira sôbre Bilac, acompanhado de uma caricatura onde o poeta aparecia com a parte inferior do corpo convertida em lira que êle próprio dedilhava, todo cercado de estrêlas...

Nunca mais esqueci o seu perfil anguloso, nem o seu nome estranho e sonoro. Porque? Não sei bem porque. Mas, voltando, em

passo cauteloso e lento, às minhas remotas impressões de infância, acredito que me penetrou fundo, mais do que o elogio, de que pouco podia entender então, o fantástico retrato que fôra, se me não engano, desenhado por Bento Barbosa. Aquela silhueta branca em fundo negro, de um ser exquisito, que era metade homem metade lira, e todo cercado de estrêlas, deu-me que pensar e sonhar, na meia obscuridade do espirito que se abria para a vida. Lembra-me que me causou aquilo uma sensação penosa. Era desagradável, por monstruoso. Um homem que era uma lira! Entretanto, depois, verifiquei que a caricatura era a perfeita representação do que Bilac foi em toda a sua vida — um homem esguio e aéreo, sempre entre as estrêlas, e que fazia de si próprio, sem deixar de ser homem, num sacrifício e num sonho, um instrumento infável de maravilhosos acordes.

Anos depois, ainda menino, vim para São Paulo. Um dia, na rua de São Bento, perto

da travessa do Grande Hotel, vi de repente, num grupo de rapazes, um moço pálido e magro, perfil agudo de roedor, faces cavas e picadas de espinhas, olhos salientes, a boca, grande, rasgada num riso largo, acompanhado de bamboleios e momices estouvados, de saracoteante alegria. Era Bilac. Já não me recordo de que maneira o soube, mas soube-o no momento. Creio que o vi depois algumas vezes; vi-o, com certeza, caricaturado de novo por Bento Barbosa, também já instalado em São Paulo, e com quem êle fazia por aquêle tempo — 1887 — uma revista de literatura e humorismo, a *Vida Semanária*.

Fui leitor assíduo dessa revista. Os meus dôze anos republicaníssimos e amantes de *figuras* não dispensavam essa publicação, onde os dois rapazes espicaçavam homens e instituições da monarquia, um por meio de crónicas e versos, outro de desenhos, — crónicas, versos e desenhos aguçados de petulância e irreverência, mas sem brutalidade,

e com graça. Nêsse mesmo semanário Bilac publicou algumas das peças que pouco depois haviam de aparecer no volume das “Poesias”, editado pela livraria dos irmãos Teixeira, de São Paulo, e impresso em Portugal. Do seu humorismo lembram-me as “Cartas Chinezas”. E é com uma suspirosa saudade que eu hoje releio algumas dessas cartas que me fizeram regaladamente sorrir no outro tempo.

Estas recordações todas me estão entranhadas na alma, de mistura com as primeiras, virginais impressões que ela colheu dos homens e das coisas; de mistura, sobretudo, com as impressões da São Paulo que eu conheci há trinta anos, avelhantada e humilde na sua casaria de largos beirais, com pardieiros onde hoje se erguem palácios, com funilarias e bodegas onde hoje resplendem casas de jóias e casas de modas, suntuosas e bulhentas. O perfil esguio do poeta, que tanta vez atravessou as ruas da antiga cidade de Amador Bueno, à noite, sob o seu chapeli-

nho de feltro, envolvido na bruma, enregelado da garôa, sonhando luares e estrêlas, criando beleza, forjando versos, de bronze pela dura, de ouro pelo fulgor e pelo preço, êsse perfil êsguio e fugitivo de boêmio, de sonhador e de réprobo divino, se o evoco, me aparece associado às soturnas, caladas, saudosas imagens da São Paulo da minha infância, toda povoada de sombras que me acenam do fundo do passado, com a doçura triste dos jardins por onde se andou meio indiferente e que nos começam a parecer deliciosos, ai de nós! quando nos voltamos para êles de longe.

E' por isso tudo que eu sempre acompanhei Bilac, embora à distância, com a fidelidade constante de um dêsses amigos invisíveis que todos nós temos na vida.

Pouco tempo permaneceu o poeta em São Paulo, para onde havia partido com o temerário projecto de estudar direito, tendo interrompido o seu curso de medicina no Rio. Em São Paulo, não estudou senão lite-

ratura — lendo Gautier, lendo Victor Hugo, lendo Bocage e Gonçalves Dias, ouvindo o que lhe diziam as eternas sereias da sua vida, as estrêlas, e interrogando aquêles horizontes velados e melancólicos, que lançam ao longo das grandes perspectivas o encanto penetrante do entrevisto e a magia dolente do inatingível: Regressando ao Rio, postas definitivamente de banda todas as preocupações de formatura, caiu de corpo e alma na brilhante e acidentada boêmia intelectual daquêle tempo.

Na *Cidade do Rio* com Patrocínio, na *Gazeta de Notícias* com Ferreira de Araujo, na *Noticia* com Manuel da Rocha, na *Cigarra* e na *Bruxa* com Julião Machado, em cem jornais e revistas da capital e dos Estados, dispersou largamente, um pouco às tontas, os fulgores, as graças, os atractivos, os feitiços do seu verso sempre novo e sonoro e da sua prosa límpida, toda vibrante das trêmulas soalhas do ritmo e da imagem, como um pandeiro retêso. Perseguido, sob Floriano,

refugiou-se em Minas, onde arrancou dos arquivos e das relíquias do passado parte do delicioso livro das “Crónicas e Novelas” Foi um poderoso auxiliar de Passos na remodelação do Rio de Janeiro, tarefa que, com tenacidade e com brilho iguais, aplaudiu, ajudou, prestigiou e defendeu, dia a dia, em artigos breves e eloquentes que a grande circulação da *Notícia* fazia repercutir por todos os recantos da cidade. Esteve em Buenos Aires com o presidente Campos Salles, e o êxito que lá alcançou com o extra-programa das suas orações festivas foi simplesmente maravilhoso, tendo contribuído quase tanto como os esforços oficiais para que uma grande vaga de simpatia pública se erguesse para lá do Prata em demanda da nossa terra. Voltou à capital argentina por ocasião do Congresso Pan-Americano, e lá refulgiu de novo, na posição de secretário, não só pela acção incançável, como também pela palavra, mais arrebatadora que nunca. Escreveu livros didáticos. Publicou a “Alma in-

quieta”. Talhou, numa só lasca de granito, o perfil enorme de Fernão Dias Pais Leme, belo e brutal como os heróis das idades rudes e magníficas. Foi à Europa uma quantidade de vezes, *alma inquieta* e incontentada, sempre de lá para cá, sempre a correr atrás da mosca azul que nunca morre, porque sempre renasce. Em todas estas fases e acidentes da sua vida, eu, lá de longe, sem nunca lhe ter falado, era o amigo desconhecido que o seguia com a sua compreensão, com a sua simpatia, com o seu interesse, porque tudo o que êle tinha para mim de grande e de admirável avultava e luzia sob a leve cerração de uma suave saudade, que era mais um encanto.

Quanto a aproximar-se dêle, receava-o. Eu sempre tive o secreto receio de me aproximar dos estranhos a quem admirei: não fosse a aproximação dissipar impressões que, afinal, me resultavam em precioso conforto.

Admirar, a meu sentir, é um exercício proveitoso e regosijante como um belo e saudável passeio. Note-se que de indústria não o comparo à simples contemplação estática de um belo objecto, o que à primeira vista pareceria mais simples e mais exacto. Comparo-o a um exercício, a uma caminhada, a alguma coisa que é movimento e indagação, esforço divertido de um espírito em busca de pontos de vista felizes, de aspectos imprevistos, de detalhes ignorados, de perspectivas cambiantes e vastas. Isso, que é gozo e higiene da alma, quantas vezes não desaparece de brusco, pela aproximação e pelo contacto! E eis aí, evidentemente, um prejuízo que é de temer.

Mas, há alguns anos, pôsto de repente em presença do poeta, e por êle acolhido com uma simplicidade tão lhana e tão branda, tão aberta e graciosa, parei um instante, como na orla de uma clareira, arrojéi os olhos tão longe quanto podia pela floresta, e entrei resolutos e tranqüilos. Nunca me arrependi.

Almas existem que são mais ou menos como aquela mata sinistra que êle descreveu em alexandrinos frementes de arrepiado pavor:

...floresta enorme

Onde, virgem intacta, a natureza dorme,

Como nos matagais da America e de Java —

almas nas quais não encontramos um canto onde repousar seguros. A dêle, não: a dêle, ao contrário, sem prometer muito, porque era, na sua beleza nobre, um pouco fechada e quieta, dava tudo: a boa sombra densa e leal, os bons recantos de ternura humana, as longas, recatadas furnas olentes e sonoras da piedade, da tolerância e do perdão. Êle só ganhava em ser visto de perto. E eu, abandonando-me à sua amizade, me senti feliz de o haver encontrado, enfim, diante do meu passo, em pessoa, estendendo-me a sua mão amiga, falando e rindo comigo, a êsse que me havia surpreendido, há tanto, como uma sombra leve, e que caminhara sempre à minha vista, arrastando-me os

olhos por onde quer que doidejasse e fulgisse.

Na mocidade, Bilac foi um boêmio acabado — boêmio como quase todos os rapazes de talento da sua geração, e mesmo alguns sem talento. Naquêl tempo a boêmia era obrigatória, um pouco por moda, um pouco por acção do meio. A par da luta contra a escravidão e contra a monarquia, que punha na atmosfera uma permanente vibração de energias insurreccionais, a revolta contra as estreitezas e as escurezas do espírito burguês, em regra escravocrata e monárquico, era como uma consequência do mesmo impulso.

Os poetas de então usavam gravata fluante e chapéu mole amachucado, com geitos e toques rememorativos de figuras provocantes e bizarras, evocadas da realidade fantasiada ou da vaga ficção. Compunham-se uns ares e uns modos de criaturas extra-numerárias, com órbita à parte na vida moral e na vida social. Tinham explosões e

dissonâncias, caprichos e singularidades. Levavam a existência, teatralmente, em som de rebeldia e de pândega. No fundo, faziam apenas aquilo que se costuma hoje conglomerar, um pouco rudemente, sob o letreiro depreciativo de *cabotinismo*. E era de facto cabotinismo, porque enfim as coisas precisam ter um nome, mas um cabotinismo ingénuo, com rompantes de cinismo trágico a terminarem-se em propósitos prudentes de arrependimento e de emenda, com derrames de loucura que de improviso se aquietavam em meticulosidades de perfeito juízo prático. Cabotinismo superficial, tres quartos fingido, geralmente com um fundo bem sólido de normalidade e com a mesma pesada massa interior de que se fazem todos os bons filhos, todos os bons esposos e pais, e de quando em quando vistosos majores da Guarda, ou respeitáveis negociantes matriculados.

Bilac era dêsses: boêmio capaz de todas as estouvadezas e de todas as extravagâncias dos outros bohêmios intelectuais do seu tem-

po, perdendo noites em rapaziadas sôltas e bulhentas, tintinabulantes de versalhada, rascantes de malícia, quentes de discussões intermináveis, entrecortadas de rusgas e de surriadas, de furores e de gemidos, a arrastarem-se por botequins e cafés, cervejarias e redacções, becos, praias, esquinas e jardins. O nosso poeta principiara cêdo. Quase menino, já fazia rugir de indignação o seu severo e ríspido pai, o dr. Guimarães Bilac...

Duplamente austero, na sua quâalidade de homem formado sob os princípios da educação antiga e na sua respeitabilidade de médico, indignava-se êste com as loucuras do filho adolescente — oh! as grandes loucuras, que consistiam em trocar as horas de estudo por horas suplementares de palestra e de folgança, em não fazer senão versos e não ler senão literatura, e em entrar para casa um pouco além das horas fixadas no regulamento consuetudinário dos bons filhos-familia. Em dado momento o pai sentiu que a medida transbordava. Era preciso flage-

lar com impiedosa mão os brios amortecidos do rapazola. Chamou-o, uma tarde, o sobrenho carregado, e, dando-lhe um bilhete, ordenou-lhe que se preparasse para ir ao teatro. Foi uma surpresa para o poeta, que em vão procurou consigo a explicação de tão insólita amabilidade. À hora aprazada Bilac partiu, tremendo, sob as vistas paternas. O espectáculo era no “Fénis Dramática” e constava do drama — “Os sete degraus do crime” Depois o poeta voltou a casa, onde o pai, que o esperava acordado, logo lhe desfechou esta pergunta :

— Assistiu à peça?

— Assisti, sim, senhor.

— Prestou bem atenção ao final?

— Prestei.

— Como foi que morreu o protagonista?

— Na forca.

— Pois olhe (bradou o progenitor com voz estentória) olhe que é êsse o fim que o espera, se o senhor não se decide a mudar de vida!

Vêde como são frágeis e illusórias as pretenções da nossa perspicácia, quando nos aventuramos a fundar prognósticos na areia movediça das acções humanas! Êste, que além de tudo era pai, apontava sob os pés do menino transviado os sete degraus do crime, e o que o rapaz começava a subir eram os degraus do aperfeiçoamento e da glória.

Aparentemente, dispersava-se e arruinava-se. Na realidade, conhecia a vida, fazia a *sua* experiência da vida, a experiência adaptável à forma e às forças do seu espirito, conhecia os homens e as mulheres, as almas e os corações, as inclinações boas e más, as torpezas e as sublimidades do mundo, e de permeio com tudo isso a média imensa e incolor, a média fatal das almas sem garras e sem azas, que não rojam nem voam, que se movem na penumbra, entre a luz e a sombra, means em tudo, buscando em tudo a mediocridade, temendo e aborrecendo tanto aquilo que não atinge como aquilo que sobrepassa a linha mediana das opiniões elabo-

radas em comum. Essa experiência lhe era necessária. E' possível que, nela, tenha malbaratado e prejudicado alguma coisa de si; mas êsse foi o preço fatídico da larga compreensão da vida, que ganhou, compreensão melancólica, sem dúvida, mas cheia de perdão e de doçura, de coragem e de tolerância. Através dessas sinuosidades e coleios, êle nada perdeu de substancial, deixou apenas farrapos superficiais da personalidade, como felpas das azas.

Assim é que, tendo começado a vida entre as loucuras da boêmia e as exacerbações imaginosas de uma arte carnal e sensual, foi, aos poucos, espiritualizando tanto a sua vida como a sua arte. Nêste, póde-se dizer sem exagero e sem êrro que tudo foi ascensão. O poeta, o escritor, o homem de pensamento, o particular, o cidadão, tudo nêle foi crescer e subir, e tudo por igual, a um tempo, num só arranco pausado e sereno.

Quando êle surgia como poeta, aí por 1885, já honrado pelo cálido louvor de Alberto de Oliveira e Raimundo Correia nas colunas d' *O Vassourense*, jornal de Lucindo Filho, pouco aperfeiçoamento se lhe poderia vaticinar. Por uma razão muito ponderosa: é que êle já surgia quasi perfeito. Apareceu, adolecente, — aos vinte anos, — manejando as terríveis asperezas e rebeldias da língua com a coragem e a força de um Alcides infante a lutar com águias e leões.

Esta comparação cuida que é expressiva, no seu ar de velhice um pouco gasta, mas ainda nobre. Todos os poetas que tratam a sua arte com a clara consciência das suas dificuldades exasperantes, aprovarão, no íntimo, esta assimilação das expressões que revôam acima de nós, como assanhadas de se verem perseguidas, ou que nos fogem aos pulos e nos agridem aos bótes, e nos arrastam, e nos correm a garra gotejante de sangue, até que as apanhamos pela ponta da aza ou pela grenha e, valentemente, as so-

freamos, batemos, castigamos, e pomos de rasto. Mas, para aquêles que achem a imagem um tanto puxada demais para o grandioso (e não deixam de ter sua razão!) eu representarei mais modestamente as dificuldades terríveis de língua e de metro, de rima e de ideia, de estilo e de sonoridade, com que os poetas se têm de avir continuamente, sobretudo quando o idioma de que se servem ainda oferece, como o nosso, rigidezas e resistências de vime verde. Eu representá-las hei por um bando enorme de gatos...

Não se diga que banalizo e amesquinho, agora, o objecto a que há pouco pretendia dar proporções excessivas. Não. Belos e nobres animais são os gatos, tão brandos, graciosos e pacíficos, tão ondulantes e finos na familiaridade confiada das suas voltas e meneios, e entretanto independentes, caprichosos e indomáveis, músculos de aço, elásticos e resvaladiços, garras de puas lancinantes, olhos que lançam faiscas diabólicas e gargantas que sopram, cospem e resfolegam

silvos, guinchos, uivos e gargarejos de cólera fulgurante. Assim é esta nossa língua, tão *nossa*, tão fácil, tão chan e fiel, quando des-preocupadamente a usamos no comércio ordinário das relações. E' um concêrto de gatos, se a queremos prender na jaula do verso. Aquí um salto funambulesco, ali um recúo e um arripiar de pêlos, acolá um escancarar de guelá vermelha e um coriscar de patas anavalhantes, e por tudo um côro des-temperado de mios e de chôros, de berros e de bufos.

No entanto, — eis o milagre que nos deixa pensativos, — vem um rapaz novo, singelo e sorridente, sem partes com o diabo, sem poderes do ceu, um rapaz como tantos outros aparentemente, mete-se com essa gataria, expede dois repelões, vibra quatro açoites, põe uns afagos nas pontas dos dedos e uma intimativa nos arrulos da voz — e eis que o bando de gatos entra a dançar em evoluções maravilhosas, em acrobacias de elástica morbidez e matemática precisão, com infinitas

sonoridades veludas e quentes nas gargantas bravias! Esse foi o milagre de Bilac, logo ao surgir entre os braços de seus irmãos mais velhos, Raimundo Correia e Alberto de Oliveira. Os seus versos, por aquê tempo, com pouca diferença, já eram os da primeira edição de seu livro, que tão grande e tão merecido êxito devia alcançar em todo o país. E' que êle possuia dons naturais extraordinários, e teve a fortuna de surgir com tais dons no momento em que se operava a renovação técnica e teórica da nossa poesia.

A poesia, até então, esgotava-se em lirismos convencionais, derramados em verso fácil e grosso. O fundo era velho e pobre: atitudes românticas de fatalismo filosófico, de pieguice amorosa, de democratismo verboso; o tom, declamatório e maquinal; os temas, estafados; as pinturas, artificiais; as imagens, oratórias e gastas; as cadências, infantis; os metros, cambaios; as rimas, enfim, demasiado insignificantes para serem metidas tão à força...

Nisto, pelo geral, se dissorava a arte formosa e rica de Gonçalves Dias, a arte incorrecta mas impetuosa e bela de Castro Alves. A reacção era inevitável, e era desejável. Veiu, canalizada na corrente parnasiana: modificaram-se as atitudes, balisaram-se novos rumos, refez-se a provisão de assuntos gerais, reeducou-se a técnica transviada e claudicante. Sobretudo, procurou-se, a exemplo dos mestres franceses em voga, a recortada precisão das ideias, o relêvo forte da imagem, a cadência sacudida e vivaz do verso, o ressaír ponteagudo da rima, — cada coisa bem limada, bem acabada, bem repolida, e cada coisa no seu justo lugar.

Foi-se mesmo ao exagêro a que iam os mestres da outra banda, e acreditou-se, na tocante cegueira de um juvenil entusiasmo, que a última palavra da estética era converter a poesia em rival e em copista das artes visuais, em trabalhar o verso com pincel e cinzel, com escôpro e buril, com maçarico e lima; era dar às composições da palavra

a solidez, os contôrnos e os relêvos definidos, exactos e imutáveis das estátuas, dos frizos, dos quadros, dos vasos, das medalhas, das gravuras a água forte ou das jóias. Evidente exagêro, que reduzia, sem o sentir, a missão complexa, múltipla e superior das artes do verbo, que são sobretudo movimento e vida, que hão de comportar sempre algo de fluente e de flutuante, e que, se com alguma outra arte se assemelham de natureza é com a música, também feita de elementos que se desdobram no tempo e também primariamente destinada a gerar, em vez de êxtase, acção. Mas, exagêro necessário, por que o exagêro é o lubrificante das novidades a instalar, e exagêro até certo ponto útil, porque teve o efeito de gravar perduravelmente na consciência dos poetas o respeito da língua e a probidade escrupulosa do ofício.

Bilac formou-se poeta nessa época. Temperamento de fogo, êle quiz observar logo com fervor inexcedível os sagrados mandamentos do novo credo. Théophile Gautier,

que cozia esmaltes e talhava camafeus, mi-
mos faiscentes do finito, do condensado, do
preciso, do minudente, do definitivo, colo-
cava no fim do seu livro famoso, como áurea
custódia no fundo de um templo, uma decla-
ração de fé geometricamente lavrada :

Oui, l'oeuvre sort plus belle
D'une forme au travail
Rebelle,
Vers, marbre, onyx, émail.

Statuaire, repousse
L'argile que petrit
Le pouce
Quand flotte ailleur l'esprit,

Lute avec le carrare,
Avec le paros dur
Et rare,
Gardiens du contour pur;

Emprunte à Syracuse
Son bronze où fermement
S'accuse
Le trait fier et charmant;

D'une main delicate
Poursuis dans un filon
D'agate
Le profil d'Apollon.

Bilac esculpiu a sua “Profissão de fé” com os olhos nêsse modêlo:

Invejo o ourives quando escrevo:
Imito o amor
Com que êle em ouro o alto relêvo
Faz de uma flor.

Imito-o. E, pois, nem de Carrara
A pedra firo:
O alvo cristal, pedra rara,
O ónix prefiro.

Por isso, corre, por servir-me,
Sôbre o papel
A pena, como em prata firme
Corre cinzel.

Corre; desenha, enfeita a imagem,
A ideia veste;
Cinge-lhe ao corpo a ampla roupagem
Azul-celeste.

Torce, aprimora, alteia, lima
A frase; e, enfim,
No verso de ouro engasta a rima
Como um rubim.

Êstes versos perfeitos, assim engenhosamente entrelaçados, assim solidamente contruidos, assim minuciosamente passados sob

uma lima sutil, sem uma trinca, um derrame, uma falha, um desvio, uma rebarba, êstes versos dão o tom e a norma invariável de todos os que se contêm nas “Panóplias”, nas “Sarças de fogo”, na “Via-láctea”. O mesmo escrúpulo na composição dos poemas, na proporção das partes, no encadeamento dos episódios, na distribuição dos ornatos, na graduação dos efeitos, na escolha dos vocábulos.

Hoje, quem examina de perto as feições firmes e salientes desta arte, não pode, por muito que a preze e saboreie, calcular o que ia de espanto sagrado, de religioso e indefinível enlêvo na alma dos moços de há vinte anos, quando percorriam, em êxtase e com delícia, as tres abóbadas em que se repartia esse palácio encantado.

A nova arte, de então até há poucos anos, propagou-se numa rápida e completa vitória; e, se ninguem, de certo, chegou a praticá-la como Raimundo, como Alberto de Oliveira, como Bilac, houve contudo legiões inumerá-

veis de vates que, abaixo dêles, se vinham escalonando por aí até o chão raso. Não deixaram os três mestres de estar nas mesmas alturas; mas, hoje, quem os lê já não pode ter a impressão profunda de cataclismo geológico que a súbita aparição dêsses alcantis talhados a pique nos produzia há vinte anos... E eu digo vinte anos — aliás sem nenhum intento de precisão rigorosa — apesar de serem mais antigos os livros daquêles gloriosos artistas, porque, como é natural, o grande êxito dêles não foi immediato. Os primeiros tempos foram de indiferença, de incompreensão e de hostilidade. Só um pouco depois é que a adesão calorosa dos homens de letras, avolumando de dia para dia a caudal dos admiradores, dos partidários e dos fanáticos, acabou por arrastar a unanimidade dos aplausos.

Pois essa sua arte sábia e complicada ainda foi aperfeiçoada pelo nosso poeta. Nas subsequentes edições do seu livro, Bilac não corrigiu apenas algumas das passagens onde

julgou encontrar defeitos: acrescentou, ainda, à obra primitiva novos e sucessivos lances, onde excedeu sempre quanto houvera anteriormente realizado no tocante à elasticidade, à plasticidade, às gradações. Sua arte desdobrou-se e subtilizou-se, de mais em mais, na “Alma inquieta”, nas “Viagens” no “Caçador de Esmeraldas”, para se alçar, por fim, ao supremo triunfo da segurança, da finura, da virtuosidade, da força impressiva e do prestígio pictural e musical, nêsse rendado e mirífico alhambra da “Tarde” Comparem-se, por exemplo, algumas das composições descritivas dos primeiros tempos com uma outra dos últimos.

As peças descritivas são as que se prestam melhor a uma apreciação dos recursos da fôrma, porque, nessas, a fôrma se apresenta, por assim dizer, isolada, ôca, livre da complicação dos elementos de fundo. Leia-se um trecho do “Sonho de Marco António”:

A arpa suspira. O melodioso canto,
De uma volúpia lânguida e secreta,
Ora interpreta o dissabor e o pranto,
Ora as paixões violentas interpreta.

Ampla dossel de seda levantina,
Por colunas de jaspe sustentado,
Cobre os setins e a cachemira fina
Do régio leito de ébano lavrado.

Move leque de plumas uma escrava.
Vela a guarda lá fora. Recolhida,
Os pétreos olhos uma esfinge crava
Nas formas da rainha adormecida.

São versos tecnicamente perfeitos, e aca-
riciantes, embaladores e sugestivos. Mas há
nêles um não sei quê de cru, que lembra um
belo quadro onde os contornos fossem um
tanto duros, a pedirem um pouco de atmos-
fera, que circulasse por êles e os diluisse.
Lêde, agora, um soneto pinturesco da *Tarde*.
Notai como todo o desenho, todas as côres,
todos os matizes e sombras se completam,
se equilibram e se harmonizam. Como os
efeitos se interpenetram e se fundem! Que
movimento! Que jôgo delicado de contrastes!

Que transparência e fluidez de tintas! E que
amplidão!

AS ONDAS

Entre as trémulas mornas ardentias,
A noite no alto mar anima as ondas.
Sobem das fundas húmidas Golcondas,
Pérolas vivas, as Nereidas frias:

Entrelaçam-se, correm fugidias,
Voltam, cruzando-se; e, em lascivas rondas,
Vestem as formas alvas e redondas
De algas rôxas glaucas pedrarias.

Côxas de vago onix, ventres polidos
De alabastro, quadris de argentea espuma,
Seios de dúbia opala ardem na treva;

E bocas verdes, cheias de gemidos,
Que o fósforo incendeia e o ambar perfuma,
Soluçam beijos vãos que o vento leva...

Só falei até agora da fórma. O mesmo
impulso ascencional, pausado e ininterrupto,
se observa na evolução do conteúdo.

Na primeira edição do seu livro, a poesia
de Bilac se espoja volutuosamente em virtuo-
sidades descritivas e narrativas — “Morte
de Tapir”, “Tentação de Xenócrates”, “Sésta
de Nero”, “Incêndio de Roma”, “Delenda

Carthago” — ou revôa em sonhos de amor inflamadamente mundanais. Percebem-se outras notas, de quando em quando — um grande desejo de vida, o horror da morte e do além, sentimentos humanos de piedade, de entusiasmo, ou de ternura; são, porêm, notas secundárias e dispersas, resvalando acidentalmente sob o tecido forte daquêles acentos metálicos. Em todo o livro mal se encontrarão três ou quatro peças que, como “A um grande homem” ou “Pomba e chacal”, encerrem uma pura ideia e possam reduzir-se a uns tantos conceitos abstractos.

Na “Alma inquieta”, já essas notas sobem, trémulas e graves, como vindas de um oboé longinquo, ou de uma cornamusa comovida, sôbre o fundo das violentas orquestrações do sensualismo juvenil — e chamam-se “Inania verba”, “Vanitas”, “Midsummer Night’s Dream”, “Mater”, “Virgens mortas”, “Campo Santo”, “Velhas árvores” Nas “Viagens” a simples intenção descritiva de outras peças dobra-se de uma ideia de continuidade

na sucessão dos quadros, com o germen ou o esboço remoto de uma concepção cíclica. O “Caçador de Esmeraldas” é ainda um poema descritivo. Mas não é um painel: é um poema, grande e belo poema, onde ao apuro da fôrma, à grandiosidade do desenho, à riqueza dos efeitos de arte, à força das emoções, se acrescenta um alto sentimento patriótico e humano, roçando por um nobre e reconfortante entusiasmo. Por fim, vem a “Tarde”

Mas nem todo o tempo que me resta bastaria para eu dizer aqui dêsse livro maravilhoso, único na língua portugueza, todas as reflexões que me sugere e as profundas repercussões que dentro de mim desperta. “Tarde” é o calvário resplandecente de um grande poeta que era *um homem* e de um homem que se ia tornando um santo. E’ com orgulho que nós, brasileiros, podemos apresentar ao mundo êsse grande livro, essa rara flor de cultura humana integral, onde se entrelaçam e concertam, alteados, depura-

dos, afinados, tantos primores de uma arte infinitamente rica, tanta abundância e tanta elevação de sentimento, tanta universalidade de intenções, tanto amor à terra nativa, tantos regalos para o sonho e tantos excitantes da acção, e tudo isso penetrado e banhado de uma inteligência tão luminosa e musical. Oh! o milagre máximo desta natureza privilegiada!

Foi nêsse livro que êle realizou definitivamente aquêle fantástico retrato da antiga *Semana*: aí, a lira sonorosíssima que êle vibrou, fazendo-a gemer, cantar e rir, era êle inteiro, era a lira feita com todos os seus nervos, todos os seus músculos, todo o seu sangue, cheia da sua vida passada e presente, trémula das palpitações do seu coração, orvalhada de suas lágrimas, agitada pelas ideias e pelos sonhos que não chegaram a ganhar corpo e tomar azas — era êle próprio! e lá repousa no eterno segrêdo, rôta e silenciosa, a desfazer-se e a dissipar-se como um sonho que nunca mais será sonhado.

Bilac há de ficar na história da nossa poesia com imperecível relêvo. As linhas dêsse relêvo são postas em evidência pelos mesmos que lhas censuram.

Acusam-no de ter insuflado nos seus versos mais eloquência do que poesia. Não relutarei muito em concordar com semelhante reparo. “Mais eloquência do que poesia” — quer dizer que, em todo o caso, a poesia existe. E existe muita, todos vós concordareis comigo em que existe muita. Pois bem: essa poesia, abundante e magnífica, é ainda acompanhada de bastante eloquência. que, no caso presente, é também poesia.

Essa eloquência de Bilac é também poesia, porque não é uma pura suntuosidade do verbo, é o ímpeto forte e o transbordamento sincero de toda a sua natureza profunda. Nos seus entusiasmos, nos seus soluços, nos seus espantos, nos seus clamores, no seu discurso interjeccional e rotundo, não há uma simples maneira literária, há um temperamento excepcionalmente acentuado, que pa-

rece ter surgido, numa geração titânica, dos desejos e dos assombros da Terra. E já isto é poesia intensa. Mas não façamos questão de nome. Digamos antes: isto é belo; e basta.

Outra acusação que se faz a Bilac, é a da sua terrenidade ardente. Dir-se hia que as acusações que lhe movem tem por destino realçar as grandes qualidades peculiares da sua arte. Com efeito, ela traz consigo todos os ardores insofridos e implacáveis do instinto. Mas são tão fortes, tão contínuos, tão sinceros, tão cheios de humana angústia êsses ardores, que chegam a ter algo de grande, de magnífico e de trágico. Ouve-se nêles o éco perpétuo da nossa animalidade esfaimada a uivar na sua noite, ao clarão das estrêlas. Êle não cantou as banalidades viciosas do viver cotidiano. Cantou o eterno impulso fatal. Cantou-o franca e sonoramente, sem malícia torpe e sem cinismo repulsivo, com a naturalidade simples que teria um pagão sadio e

galhardo. Não é êle que merece censura. Censura merecem antes os que o censuram, porque êsses é que, com o seu moralismo suspicaz e manhoso, pedante e falso, tolerando na vida prática a inundaçào horrível de todas as turpitudes habituais que a envilecem, vão no entanto sublinhar com o dedo oleoso as claras e direitas espontaneidades da natureza e da arte. Culpa não tem o poeta de que êles turbem e insultem às próprias fontes onde bebem.

Tão imperiosa, porêrn, era esta propensãõ do seu ser, que ela é a que mais vibra, não só na sua pureza, como tambem associada a outras impressões, a outras tendências, e até a ideias aparentemente muito distantes. Descrevendo o doudejar eterno das ondas, à noite, em alto mar, êle recriou a mitologia antiga das feminilidades formosas e ululantes, perdidas na solidão oceânica. Semelhantemente, na sua primeira época, olhando o ceu cheio de névoas, via nêle um turbilhão de fórmãs perturbadoras. Dedi-

cando um soneto ao descobridor do Brasil, nada encontrou mais comparável a essa invasão primeira de uma terra desconhecida e opulenta, que a glória de umas núpcias ardentes e encantadas.

Ao lado dessa obsessão terrenal, a obsessão dos astros. Um dos seus sonetos mais antigos é o célebre “Ouvir estrêlas”, que tão pegado lhe ficou ao nome para sempre, a ponto de nunca mais se falar de um sem que as outras abotoassem logo nas memórias. Esse soneto é apenas um episódio. Toda a sua vida foi um andar com os olhos erguidos a cada instante para o firmamento. Toda a sua poesia e toda a sua prosa estão coalhados de astros. Aqui é um poema inteiro onde êles refulgem; ali, assomam numa estrofe, como numa janela; mais além, inesperadamente, arde uma cintilação cravejada num fêcho de ouro, parecendo um simples ornato quando é um reflexo do vasto céu.

A princípio meras confidentes dos seus amores terrenos, as estrêlas tornam-se de-

pois as doces inspiradoras dos seus pensamentos mais altos. Elas encarnam, para êle, as virgindades eternas. Elas encarnam todas as suas aspirações melodiosas de purificação. Subindo da juventude à maturidade, êle subiu do materialismo alado de seus primeiros dias a uma alta espiritualidade, onde entrelaçou as flores mais finas do sonho pagão com as flores mais viçosas do cristianismo, — de cada coisa só as flôres, as rosas rubras e os lírios alvos. E essa constante ascensão êle a fez por uma escada de estrêlas.

Como prosador, Bilac principiou também cêdo, porém só mais tarde se afirmou. Já era poeta consagrado, aceito como mestre por toda a mocidade literária do país, quando começou a impor-se, um pouco bruseamente, como um escritor imaginoso, brilhante, cheio de ideias claras, de conceitos agudos e de bizarras magníficas, dono de um estilo só-

brio, sólido e sonóro. As suas crónicas marcaram época, e ainda são lembradas com saudade.

Lendo hoje as que êle reuniu nos volumes “Crítica e Fantasia” e “Ironia e Piedade”, ainda ficamos admirados de como puderam sair com êsse aspecto de obra meditada e acabada, escritas que foram como se escrevem crónicas — sôbre o assunto do dia ou da véspera, para o jornal do dia seguinte.

Êste ar de solidez e de acabamento é uma das características da prosa, como do verso de Bilac. Escritores há, e são os mais comuns, cujas milhores páginas nos dão a impressão do incompleto e do fragmentário. Não impede que sejam fulgurantes e deliciosas. Dão-se casos em que não desejaríamos por nada vê-las retocadas, como acontece com certos esboços de pintor, tão frescos e tão eficazes na sua visível instantaneidade, que, tais como saíram, esparrinhados e convulsos, frementes da febre em que borboleteava o pincel tacteando a impressão fugitiva, mere-

cem muito mais do que grandes telas acabadas e pomposas. Não é bem um mérito, portanto, que aponto na obra de Bilac; é, por enquanto, apenas uma característica.

Ele tinha o horror invencível das coisas feitas a meio, desarticuladas e desleixadas, inconclusas e tortas. As crônicas diárias que escreveu para a *Noticia*, ligeiras e breves, destinadas a morrerem, para o publico, na mesma noite, eram sempre curtas, mas completas; ligeiras, mas *orgánicas*. Tinham um plano e um encadeamento. Tinham uma introdução, uma exposição, uma conclusão. As suas diferentes partes e pormenores guardavam entre si as proporções razoáveis. Ele arredondava-as e rematava-as, como arredondava e rematava, com mais trabalho e mais amor, os seus sonetos de cristal, maciços e transparentes. As suas obras, por ligeiras que fossem, podiam andar pelos próprios pés.

A êsse gôsto exigente da composição regular juntava-se o zêlo clássico da ordem e

da clareza internas. Dir-se hia, com um pouco de imaginação, que seus períodos eram um bando lustroso de versos licenciados, a passearem ao sol, entre dois exercícios gerais, muito contentes da liberdade. Tudo perceptível, tudo iluminado, tudo brunido. Nenhum borrão, nenhuma garabulha, nenhum embaciamento de sombra, nenhuma vagueza de fumo. A prosa de Bilac devia ser lida e relida por todos os que se iniciam, com a crespia exuberância da mocidade, nêste torturado mister de escritor, — tão complicado e tão duro,

Que officio tal... nem há notícia
de outro qualquer. —

porque poucas forneceria modellos tão suggestivos de uma escrita assim despretenciosa e leve, mas tão lavrada e tão resistente. E a carpintaria da escrita é o carácter do estilista, como do desenho já foi dito que é a probidade do pintor.

Essas qualidades de método e de polidura, é certo que as aprimorou no trato dos mestres favoritos, sobretudo entre os mestres universais da ordem e da clareza, os escritores franceses. Sua prosa cheira a Flaubert, como lembra o saudável equilíbrio de Ramalho e a nervosidade amável de Eça. Mas é preciso não exagerar a parte que cabe à imitação. Ninguém imita senão aquilo que a natureza de cada um permite imitar. E a natureza de Bilac reclamava lustre e compostura, transparência e harmonia em tudo.

Essa exigência imperiosa e constante do seu temperamento repontava em todos os actos da sua vida particular, onde tudo era regulado e assente, onde nenhum pormenor ficava entregue às indecisões e vacilações em que geralmente nos enredamos. Os seus negócios eram conduzidos e levados a cabo, nos seus mínimos termos, com pontualidade e exacção meticulosas. As suas maneiras, doces ou severas, ondeantes ou abruptas, não permitiam a menor dúvida sôbre a signi-

ficação que êle lhes quizesse dar. Não se esquecia das entrevistas marcadas. Não deixava carta sem resposta. Respondia sempre, em duas regras ou em duas palavras que fosse, em excelente papel, numa letra que não variava, regular, legível, um pouco rígida mas bonita em conjunto, sem ornatos nem prolongamentos inúteis, enchendo linhas iguais e equidistantes, com todos os seus pontos, todas as suas vírgulas, todos os seus traços e todos os seus acentos vigorosamente destacados.

Entrei, uma vez, ultimamente, nos seus aposentos. Nada indicava, ali, que ali trabalhasse e repousasse um poeta, um dêsse homens que imaginamos como criaturas aludadas, trepidantes de exagêros e de repentes, oscilando entre sofreguidões e relaxamentos. Nada indicava sequer que ali houvesse penetrado alguém há muito tempo. A secretária, provida de todos os objectos que a secretária de um homem meticoloso pode conter, ali estava, entre prateleiras de livros

irrepreensivelmente alinhados, intacta e bruni-
nida como um dêsses móveis de uso conver-
tidos em peças de aparato, em casa de gente
metódica e económica — uma mesa de jan-
tar, por exemplo, onde não se come senão
quando há pessoas de fóra. Aquelas salas,
que dir-se hia serem a mansão da pachorra
e do capricho, inervadas por uma instalação
de lâmpadas eléctricas feita pelo próprio
poeta, e onde uma multidão de pequenos ob-
jectos aprazíveis, cerâmicas e lacas, brosla-
duras e flôres, punha um ar de feminilidade
carinhosa, era a oficina de um artista que
tinha de manusear constantemente, no afan
de longas horas de isolamento e de febre, de
tensão e de anseio, todo um arsenal de livros
e de documentos, de notas e correspondên-
cias, e toda aquela apeiragem de escrita que
se via disposta em cima da mesa numa dis-
persão harmónica de *bibelots!*

Depois de vêr esses aposentos e de consi-
derar a pessoa do poeta, com os movimentos
curtos e enérgicos de seus braços a sugerir-

rem arrepanhamentos e piparótes, achataduras e arremêssos, as inflexões acentuadas e quentes de sua voz e sua pronúncia escandida e correcta, então compreendi bem de que origem única provinham, em geral, as feições destacadas e regulares da sua arte — e também alguns cacoêtes.

Na prosa de Eça de Queiroz, entre outras coisas justas ou justificáveis que dela se disseram, apontou-se a insistência com que os substantivos se apresentam escoltados por dois adjectivos. Na prosa de Bilac há uma contractura parecida: um paralelismo constante de ideias, de expressões e de ritmos, marcando contrastes e similitudes, ou simplesmente compassando um continuado balanço, sem o qual o autor sentiria talvez que o pensamento lhe saíria manco, ou tolhido de uma aza.

Os guerreiros JA NÃO QUEREM mostrar *coragem e audácia*: QUEREM aniquilar os adversários, do modo *mais simples e mais rápido*, causando o *maior* estrago com o *menor* perigo possível.

São frequentísimos os trechos como êste, onde tudo revela cuidados arranjos de simetria, onde as ideias andam aos pares, e elas mesmas marcando bem o movimento dos dois pés ou o equilíbrio das duas azas.

Toda arte possui a sua dóse de artifício, e a prosa de Bilac os tem, nas crónicas e nas conferências, embora dissimulados com habilidade rara sob as dobras veludosas da elocução abundante e correntia. Na crónica, onde mal se toleram arrastamentos ou insistências, e onde tudo deve ser facilidade e graça, os truques são necessários a cada momento, para se evitarem as asperezas e se contornarem as sensorias nas quais a marcha natural das ideias iria bater em cheio, mas contorná-las e evitá-las com a elegância singela de quem não o faz de caso pensado. Bilac era mestre nessas acrobacias. Desempenhava-se, em regra, admiravelmente, dando a impressão de que tudo quanto êle dizia era, sem tirar nem pôr, o que havia de melhor a dizer sôbre o assunto.

Entretanto, às vezes, o truque ressaí aos olhos do conhecedor. Um dos mais frequentes consiste em fazer de um equívoco o trampolim preparatório de todo um vôo estirado e magnífico. A propósito da viagem de Santos Dumont ao Brasil, após as suas famosas experiências, escreveu uma linda e comovida crônica, em que faz uma espécie de cotejo entre a terra e o ceu, entre a terra boa e maternal onde vivemos e que nos nutre e nos embala, e o ceu enganador e impassível, para onde se volta, a torcer-se, a nossa perpétua ansiedade insatisfeita. Onde o liame entre essa bela digressão e o herói dos ares? E' que Santos Dumont tentava devassar o *ceu*. O ceu que êle queria devassar não era senão a modesta camada atmosférica que nos envolve; mas a palavra era muito mais vasta do que a coisa. Afinal, que gostoso pedaço de límpida prosa!

A medida que Bilac avançava na vida, a sua prosa se foi adelgaçando e simplificando ainda mais. No fim, já se despojava de

efeitos de estilo, desprezava o rigor dos artificios amáveis, e se mostrava nua e casta como a fala profunda de uma fonte. Aquela prosa feita de trechos e pedaços reluzentes e sonoros como contas de cristal, destacadas umas das outras, postas em contiguidade numa fieira, mudou-se aos poucos em algo de mais global e mais flúido, como se as contas redondas e duras se fossem derretendo e transformando simplesmente em gôtas e em fios de água translúcida.

Essa evolução da sua prosa seguiu a mesma curva que a do seu verso. E ambas não apresentam senão aspectos da carreira pausada e segura de uma vida, que foi uma ascensão sem retôrno e sem parada. O homem chegou às raias da santidade. O artista atingiu

a arte pura, inimiga do artificio,
... a força e a graça na simplicidade.

A sua prosa e a sua poesia eram, no fundo, durante a quadra mais ardente, um mixto de sensualismo e de espiritualidade. A prin-

cíprio predominou o sensualismo. Depois, a pouco e pouco, êles se foram entrelaçando mais intimamente e se equilibrando cada vez melhor. Acabaram por viver harmonizados, como dois irmãos gémeos que fossem amigos, ambos belos, um Esaú moreno e forte e um Jacó alvo e fino, aquêle risonho e estouvado, êste melancólico e manso, uma rosa de sangue e um lírio de leite. Nunca êsse sensualismo desceu à brutalidade, nem êsse espiritualismo se transviou em místicos arroubos. Ao contrário, Esaú sorria com amargura cada vez mais suave, na sua graciosa carantonha de sátiro jôvem, e Jacó, de seu lado, baixava de quando em quando os olhos rasgados e lentos, com crescente complacência, na contemplação enlevada de fórmias e de acidentes perecedouros mas deliciosos.

Que é que os impediu de exagerar os impulsos das suas ídoles diversas e os moveu a temperá-los a pouco e pouco, um com as influências fraternais do outro? Simplesmente isto: o bom senso.

O bom senso de Bilac! Eis a espinha dorsal do seu psiquismo. Não é o bom senso a qualidade essencial dos artistas; imaginação, sensibilidade, ideiação pronta e harmoniosa, sentimento da beleza, em uma palavra — talento, tudo isso forte e vivaz, eis o que lhes é indispensável, e eis o que êles, em vária dóse, costumam ter. Assim, os artistas estão sujeitos aos mais largos desvios da razão e do sentimento. “Sublime canalha!” chamava-lhes, na aparência violentamente, na realidade com uma inteligência compreensiva e piedosa, Rossini. . . Mas Bilac foi um homem sensato. E aqui se acha, talvez, o humano segredo da simpatia envolvente que da sua arte se desprende. O seu bom senso não foi êsse, retaco e pedreste, que aí anda de suspensórios e de guarda-chuva, e que é tão a miude um *mau senso* ou um *não-senso*, porque à força de evitar o exagêro acaba na aceitação resignada de todas as chatices e de todas as torpezas; mas um bom senso alado e florido, inflamado no

perene desejo de embelezar e melhorar a vida.

Esse bom senso, que lhe poupou outros desvios da razão e do sentimento, também impediu que Bilac tombasse nas depressões ou grimpassse nos exagêros do nosso patriotismo, sempre balouçado entre a descrença rastejante e o entusiasmo catacego. Foi êle, igualmente, que o impulsionou, como cidadão, ao mesmo desenvolvimento admirável que é toda a história de sua vida de artista.

Houve, e creio que ainda há, muito quem suponha que Olavo Bilac surgiu patriota do fundo de uma caixinha de surpresa, ou que tombou patriota, numa estrada deserta, como Paulo de Tarso caiu do seu cavalo. Engano. A pátria sempre lhe apareceu, sorridente ou lacrimosa, miserável ou feliz, mas sempre bela e amada, entre os cuidados da sua cons-

ciência e os sonhos da sua imaginação. Na primeira fase dos seus cantos, votados quase unicamente ao culto do amor e da arte, apenas se entrevê, remoto, o perfil sagrado, através de uma ou outra frincha ligeira — aqui um raptó de passageiro entusiasmo pelo idioma natal, ali uma reverência comovida ao imortal cantor do “I-Juca Pirama”. Depois, a visão se acentua melhor e se repete mais vezes. Ergue-se, entre as ondulações desiguais da sua obra poética, êsse alto cume — o “Caçador de Esmeraldas”. Vêm, finalmente, algumas das mais admiráveis, das mais perfeitas e soberbas jóias da “Tarde”, e no meio delas êste soneto dolorido e reconfortador, de angústia e de reconciliação, grande e triste como um leão sonhando ao crepúsculo :

Pátria, latejo em tí, no teu lenho, por onde
Circulo!...

Na sua prosa, artigos e conferências, Bilac sempre revelou, com frequência, ardentes

preocupações de patriotismo. Algumas das melhores crônicas que escreveu, como essa, tão encantadora, que se intitula “Salamina”, não tiveram outra origem. E lendo-se, agora, êsse trecho de prosa nobre e formosa, escrito em 1904, colhemos a impressão de que foi concebido depois de 1914. E’ já a mesma atitude, a mesma flama, a mesma linguagem. Êle falava de umas regatas a que assistira na baía de Guanabara; e, depois de dar expansão ao seu entusiasmo pela beleza visual e pela beleza moral do espectáculo, bradava sonoramente aos jovens remadores:

Quando, no luscofusco da antemanhan, saltais da cama, e, roubando duas horas ao sono, ides encher de ar salitrado os pulmões, é principalmente a alma que ides fortalecer na contemplação do mar infinito, coberto de trevas, do céu sem raias, ainda salpicado de estrélas.

E se foram músculos como êsses que ganharam a batalha de Salamina, — foi também com gente da vossa idade, criada no mar, afeita a desafiar e conjurar as traições das águas, habituada a sonhar a glória, ao ar livre, ouvindo a cantilena triste das vagas e mergulhando os olhos no servedouro estrelado do firmamento, — que, a 11 de Junho, um almirante nosso, forçando as baterias paraguáias, glorificou, sob uma “abóbada de balas”, o nome do Brasil nas barrancas do Riachuelo...

Enquanto cito êste trecho, alguns dentre vós estarão lembrando outros trechos igualmente belos e igualmente generosos, frutos da mesma arte e do mesmo sentimento. Talvez recordem aquella crónica do “Maluco”, uma das mais comovedoras das suas páginas, anterior de quatro anos à que acabo de citar. O maluco era um pobre português, que tinha a mania inocente e tocante de venerar o monumento de Cabral: varria-lhe as pedras em redor, adornava-o de folhagens e de flores apanhadas aqui e ali, pelas ruas, e nisso se entretinha por largas horas, esquecido de tudo o mais, no meio do esplendor da natureza e dos ruídos da cidade. Assim, do naufrágio em que desapareceu a razão do pobre homem, alguma coisa se salvou...

Uma luz sagrada ficou brilhando naquela treva, uma ideia linda ficou palpitando naquêlê desatino: a luz, a ideia de Pátria. Aquele português exilado, ainda na confusão na tristeza da sua loucura, conserva a saudade da terra em que nasceu, o amor de sua gente e o orgulho de ser português... Tudo morreu naquele cérebro, — excepto o patriotismo. Isso ficou, — *e isso vale mais do que tudo quanto se perdeu...*

Nós, os sensatos, perdemos justamente isso. Que vale o resto que nos ficou? Que vale a nossa inteligência, se a não aplicamos

em servir a terra dos nossos maiores, e se a malbaratamos em diatribes chacotas? que valem as forças da nossa alma, se as dissipamos em destruir as glórias que deveríamos prezar e em cobrir de lodo aquêles que deveríamos cobrir de flôres? que vale o nosso bom senso, se êle serve apenas para nos manter na descrença em què nos acanalhamos, sem o amor da Pátria, sem o amor da Justiça, sem o amor da beleza moral?

Bilac tinha motivos para usar dessa veemência. O patriotismo nacional, depois de se ter exacerbado em nervosos excessos, repousava numa estagnação abjecta. Deveis estar lembrados dessa estranha, mas verdadeira fase de extremo envilecimento cívico, desde 1900 denunciada pelo nosso escritor, mas destinada a só alterar-se depois do estalar da grande guerra.

A formidável conflagração veio abalar um pouco êsse charco. Um como tremor subterrâneo entrou a agitá-lo a pouco e pouco, e a água turva e parada, cheia de vibriões e de sapos, começou a tremer em ondulações ligeiras e a estrelar-se em borbulhas brilhantes, franzindo e rompendo o nateiro grosso que a recobria.

Fomos obrigados a considerar a nossa situação, a interrogar o nosso futuro. Vimos os perigos próximos e remotos que nos cercavam. Percebemos os dilemas que nos premiam entre as suas pontas agudas. A luta assombrosa revelou-nos coisas tremendas e insuspeitadas. Abriram-se perspectivas novas e longas em todas as direcções, através de um mundo de ideias assentes e de velhos hábitos mentais, como um repentino rasgar de avenidas através de casaria macróbia e de ruelas tortas. Muitas coisas que não queríamos, ou não podíamos ver, entravam-nos pela retina com um impeto de agressões.

Mas a desorientação era geral. Só havia um reboir de comentários e de gestos, como êsses borbórinhos confusos em que ondulam e sussurram as multidões apinhadas. Nisto, uma voz potente e cálida reboou no espaço.

Foi a 9 de Outubro de 1915—há, portanto, quatro anos. Bilac produziu em S. Paulo, na Faculdade de Direito, perante os alunos reunidos para o receberem e festejarem ali, o

seu célebre discurso, que foi uma faísca, — semente de fogo que brotou e floriu num dos nossos mais belos incêndios...

Porque em São Paulo? Bilac achava-se aqui, no Rio, quando começaram a saltar-lhe o espirito, também sacudido e iluminado sinistramente pela catástrofe europeia, sérias e invencíveis preocupações de ternura filial pela nossa terra. Aqui meditou nos meios de levantar, para a contemplação de mais amplos horizontes, a consciência nacional entorpecida e degradada. Aqui praticava sôbre tais assuntos, insistentemente, com amigos a quem gostava de confiar as suas ideias e de temperar as suas resoluções. Porque, pois, iniciou em São Paulo a sua memorável campanha? Ainda nêste ponto, foi o lúcido bom senso do sonhador que interveju decisivamente. Bilac sabia mais da sua terra e da sua gente do que muitos a quem corria a obrigação imediata de as conhecer melhor, por motivo análogo àquêle que impõe a todo obreiro proibido o conhecimento da matéria com

que lida... Ele enxergou que São Paulo, por um conjunto de circunstâncias, que não constituíam mérito da cidade, mas simples favor do acaso, era o centro mais adequado ao início de um movimento que precisava repercutir por todo o país.

São Paulo, antes de tudo, estava indicada como cidade de província. E' nas cidades de província que se conserva melhor o sadio e repousado equilibrio, capaz de receber com singela confiança e transmitir com entusiasmo communicativo os impulsos dirigidos aos sentimentos desinteressados. Entre as capitais provincianas, aquella era a que mais convinha, porque é a menos isolada de todas. E' a que dispõe de mais larga área de influencia directa e immediata, abrangendo vastas extensões de outros Estados, para as quais se constitui em verdadeira capital económica e espirital. E' a que mantem, depois do Rio, mais ampla rêde de relações por cima de todas as divisas do território nacional e até os seus recantos mais afastados. Ali vão ter,

atraídos por um fecundo campo de trabalho, brasileiros de todas as regiões, como estrangeiros de todas as raças. São Paulo, como o Rio, é uma cidade nacional, centro de convergência, foco de irradiação de energias brasileiras, de ideias brasileiras, de aspirações brasileiras.

O próprio bairrismo paulista, que existe, difere essencialmente de outros bairrismos espalhados pela nossa bela terra, porque, em vez de ser um bairrismo supercilioso, que se recolhe e se fecha, que repele e amedronta, é um bairrismo bem disposto, que seduz e convida, e que se espalha. Seduz e convida, porque quer fazer de todos os estranhos colaboradores. Espalha-se, porque quer repartir os frutos de suas experiências felizes. Se outras fórmulas dêste mal, ou dêste bem, tendem de si mesmas para as divisões e os exclusivismos, a de São Paulo tende para a unificação mais larga. É um bairrismo ofensivo e invasor, com altos intuitos imperialistas, lançado

à conquista de terras e de almas... para a grande pátria comum.

Foi êste o lugar escolhido por Bilac para iniciar a sua cruzada. Por isso nem a primeira faísca se perdeu. Ateou labaredas, e estas avançaram, e não houve aceiro nem muralha que as contivesse:

... Fraco e medroso, o fogo

A branda viração tremeu um pouco, e logo,
Inda pálido e ténue, ergueu-se. Mais violento,
Mais rápido soprou por sôbre chama o vento:
E que era labareda, agora ígnea serpente
Gigantesca, estirando o corpo, de repente,
Desenrosca os aneis flamivomos, abraça
Toda a cidade...

e da cidade passou ao país inteiro.

Bilac ainda falou ali, falou aqui, no Rio, falou noutros pontos do Brasil, e cada discurso era uma tocha que êle brandia entre as ruínas dos preconceitos e dos êrros combatidos. E, se nunca se viu no Brasil uma campanha tão fulgurante, nunca se viu tambem resultarem tão prontos nem tão inumeráveis efeitos de uma campanha.

Reconciliou-se a Nação com as armas. A conscrição foi aceita. Os quartéis, atingidos pela onda reconfortante da solidariedade pública, assearam-se, arejaram-se, cresceram, e, escancaradas portas e janelas, varados de ar e de sol, ressoantes de hinos e de clarinadas, se puzeram em comunicação aberta e tranquila com o exterior. Multiplicaram-se as linhas de tiro. Os militares puderam dirigir-se ao povo sem correr o risco de não os quererem ouvir, ou de os quererem despreitar. As noções de defesa indispensável, de dever civil entrelaçado ao dever militar, de sacrifício voluntário e jovial das comodidades em favor de um desígnio colectivo, todas essas ideias tão antigas e tão repetidas, Bilac as condensou em alguns períodos de prosa singela, desempeceu-as de equívocos, aligeirou-as de inutilidades, deu-lhes um geito, estirou-lhes duas azas, a aza da beleza e a aza do sentimento, deu-lhes as rectrizes da ternura e do entusiasmo, soltou-as no ar,

— e elas ficaram voando, e entre vôos e cantos se multiplicaram, e encheram os ares do Brasil em infinitas revoadas. Tais como aquêles pássaros de argila, que todas as crianças da Galileia faziam, mas que, feitos pelas mãos de um certo e único menino, e lançados no espaço, não vinham despedaçar-se no chão, —libravam-se, moviam-se, cantavam, e eram aves verdadeiras, sendo passarinhos de barro.

Mas aos efeitos imediatos do fecundo apostolado outros efeitos se seguiram. O impulso primitivo esgalhou-se em outros impulsos semelhantes — e veio a campanha pro saneamento, intensificou-se a luta contra o analfabetismo, levantaram-se umas após outras novas iniciativas patrióticas. Essa larga ondulação de ideias e de vontades continúa... Quem sabe até onde irão, afinal, as repercussões de todos êsses choques e contrachocos sucessivos e simultâneos, originados de um único choque, dado por um homem fraco e isolado, doente e melancólico, sentindo dentro de si o crepúsculo inexorável da vida!

Extraordinária lição para os que descrêm do espírito, para os que não querem reconhecer a força das ideias, para os que limitam a um círculo de risível exiguidade o campo útil de acção das boas vontades isoladas. Assim a soubessem aproveitar, a maravilhosa lição!

Tres anos depois, no alto dessa elevação integral, pausada e harmoniosamente atingida, o grande poeta, o grande prosador, o grande patriota, o grande exemplar humano sucumbiu. Não houve, porém, desabamento e ruína. Apenas, a ascensão parou, seguiu-se um estremeamento, e as linhas dessa personalidade aí quedaram, na calma imponência de um monte de possantes flancos e de alto-roso cume.

Esse monte, há talvez quem negue que êle o seja. Não admira. Nem todos sabem procurar o afastamento proporcionado às

dimensões do objecto que se contempla... Pessoas há que, sob pretexto de fidelidade ao real, amam observar os homens de perto, o mais de perto que seja possível. Apoderam-se da vítima, e tudo espiam, tudo palpam, tudo medem, tudo desmontam e desencaixam, num delírio feroz de análise e de prova. No fim, sacodem a cabeça, e declaram que não existe a superioridade proclamada. Se tudo quanto acharam foi vulgar, tudo quanto viram foi pequeno, tudo quanto tocaram foi incompleto!

Esses pesquisadores frios e implacáveis fazem lembrar um maníaco desconfiado e teimoso, que, vendo toda a gente admirar, enlevada, o aspecto juntamente grandioso e suave de alta e remota montanha, intenta verificar por seus próprios olhos a existência dessa elevação. Parte, por atalhos e caminhos, galga ladeiras, transpõe gargantas e águas, matos e pedregais. Ao cabo de longas horas de marcha, trémulo e trôpego de cansaço, mas triunfante, deixa-se cair sobre uma pedra à margem do trilho percorrido.

Onde a montanha? Tudo que o cerca é vulgar e pobre. Onde aquêlê remoto país de beleza, que se estampava, além, no horizonte, muito alto, muito harmonioso, com a crista a delir-se no céu claro, com largas projecções de sombra a caírem-lhe das arestas iluminadas, com suaves transparências de poeira violeta sôbre o azul carregado das faldas? Não! a montanha não existe! E' uma ilusão da vista!

Mas a montanha existe, e lá está, grande e bela.



ACABADO DE IMPRIMIR EM 20 DE
OUTUBRO DE 1919, NAS OFFICINAS
DA SECÇÃO DE OBRAS, ~~—————~~
~~—————~~ 2. "O ESTADO DE S. PAULO"
S. PAULO - BRASIL.



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).